



CIDADES NEGRAS E SAÚDE MENTAL MEMÓRIAS DO LIVRO PSICANÁLISE INFANTIL E RACISMO: SAÚDE MENTAL NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Reinaldo José de Oliveira¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil.

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar o livro *Psicanálise infantil e Racismo: saúde nas relações étnico-raciais*, tema de grande importância em nossa contemporaneidade, em especial, por reunir bases teóricas metodológicas sobre a saúde mental de crianças negras diante do contexto do racismo que está inscrito em todos os espaços sociais, lugares e posições, como os espaços da educação e da saúde. A autora da obra, do campo da psicologia, trabalhou epistemologias da psicanálise e psicologia social no desenvolvimento da identidade das crianças e crianças negras e a questão da saúde mental, tendo como base o colo social; inicialmente a mãe, a família, as instituições e espaços sociais que dão sustentabilidade ao quadro da cultura e da vida social perante o racismo, a discriminação e o preconceito. A obra é importantíssima referência no campo da psicologia das relações étnico-raciais da sociedade brasileira que é atravessada por desigualdades de classe social, gênero e etnia raça em sua formação e nos dias de hoje.

Palavras-Chave: Identidade; Psicanálise; Psicologia Social; Racismo; Saúde Mental.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC SP, NEPPINS/UFRB, PPGHIS/UNEB
reinaldojoliveira1971@gmail.com, ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3770-7862>



BLACK CITIES AND MENTAL HEALTH

BOOK MEMORIAL: CHILD PSYCHOANALYSIS AND RACISM: MENTAL HEALTH IN ETHNIC-RACIAL RELATIONS

Abstract: The purpose of the article is to present the book Child Psychoanalysis and Racism: health in ethnic-racial relations, a topic of great importance in our contemporaneity, in particular, because it brings together methodological theoretical bases on the mental health of black children in the context of racism that is inscribed in all social spaces, places and positions, such as education and health spaces. The author of the work, from the field of psychology, worked with the epistemologies of psychoanalysis and social psychology in the development of the identity of black children and children and the issue of mental health, based on the social environment; initially the mother, the family, the institutions and social spaces that sustain the framework of culture and social life in the face of racism, discrimination and prejudice. The work is a very important reference in the field of psychology of ethnic-racial relations in Brazilian society, which is crossed by inequalities of social class, gender and ethnicity, race in its formation and today.

Keywords: Identity; Psychoanalysis; Social Psychology; Racism; Mental Health.

CIUDADES NEGRAS Y SALUD MENTAL

MEMORIA DE LIBRO: PSICOANÁLISIS INFANTIL Y RACISMO: LA SALUD MENTAL EN LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES

Resumem: El objetivo del artículo es presentar el libro Psicoanálisis infantil y racismo: salud en las relaciones étnico-raciales, tema de gran importancia en nuestra contemporaneidad, en particular, porque reúne bases teórico metodológicas sobre la salud mental de los niños negros en la contexto de racismo que se inscribe en todos los espacios, lugares y posiciones sociales, como los espacios educativos y de salud. El autor del trabajo, desde el campo de la psicología, trabajó con las epistemologías del psicoanálisis y la psicología social en el desarrollo de la identidad de los niños y niñas negros y el tema de la salud mental, a partir del entorno social; inicialmente la madre, la familia, las instituciones y los espacios sociales que sustentan el marco de la cultura y la vida social frente al racismo, la discriminación y los prejuicios. La obra es una referencia muy importante en el campo de la psicología de las relaciones étnico-raciales en la sociedad brasileña, atravesada por desigualdades de clase social, género y etnia, raza en su formación y en la actualidad.

Palabras Clave: Identidad; Psicoanálisis; Psicología Social; Racismo; Salud Mental.



VILLES NOIRES ET SANTÉ MENTALE

MÉMOIRE DE LECTURE: PSYCHANALYSE L'ENFANT ET RACISME: LA SANTÉ MENTALE DANS LES RELATIONS ETHNIQUES ET RACIALES

Résumé: L'objectif de cette revue est de présenter le livre *Child Psychoanalysis and Racism: health in ethnic-racial relations*, un sujet d'une grande importance dans notre contemporanéité, notamment, parce qu'il rassemble des bases théoriques méthodologiques sur la santé mentale des enfants noirs dans le contexte de racisme qui s'inscrit dans tous les espaces, lieux et positions sociaux, tels que les espaces d'éducation et de santé. L'auteur de l'ouvrage, issu du domaine de la psychologie, a travaillé avec les épistémologies de la psychanalyse et de la psychologie sociale dans le développement de l'identité des enfants noirs et des enfants et la question de la santé mentale, basée sur l'environnement social ; d'abord la mère, la famille, les institutions et les espaces sociaux qui soutiennent le cadre de la culture et de la vie sociale face au racisme, à la discrimination et aux préjugés. Le travail est une référence très importante dans le domaine de la psychologie des relations ethno-raciales dans la société brésilienne, qui est traversée par les inégalités de classe sociale, de sexe et d'ethnie, de race dans sa formation et aujourd'hui.

Mots clés : identité ; psychanalyse; psychologie sociale; racisme; santé mentale.

INTRODUÇÃO

Na história dos últimos 135 anos da sociedade brasileira, as cidades brasileiras, em geral, foram fundadas com os valores e forças das culturas africana, afro-brasileira, indígena e branca do colonizador, desde o chão do território assim como as bases subjetivas e mentais.

Diante do transcorrer do século XX, as cidades, tendo à frente o protagonismo da civilização negro africana, sedimentou culturas, identidades, territórios e forças materiais e subjetivas que estão no cotidiano do país; como as urbes de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, das capitais do país, elas trazem no chão do território o legado material e subjetivo da população negra. As cidades negras, do passado e dos dias de hoje, estão inscritas no território brasileiro desde a história de 388 anos de trabalho escravo e de nossa atualidade, dos movimentos sociais negros de denúncia, resistência e enfrentamento do racismo com a promoção de ações e reflexões à igualdade étnico racial.

A obra *Psicanálise Infantil e Racismo: Saúde Mental nas relações étnico-raciais*, de Regina Suama Ngola Marques (2023), é uma produção de ações e reflexões



no campo da saúde, particularmente no trato da saúde mental da população negra, focalizada nas crianças. O livro reúne 199 páginas e foi publicado pela Editora Appris, 2023.

Regina Suama Ngola Marques, Psicanalista, Doutora em Psicologia Professora Doutora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, do Centro de Ciências da Saúde em Santo Antonio de Jesus, Bahia, pesquisadora da área de psicanálise, psicologia e relações étnico raciais. Há vinte anos, desenvolve ensino, pesquisa e extensão em diálogo com a questão étnico racial. É importante destacar que a obra é fruto do trabalho de mestrado em Psicologia Social na PUC SP, sob orientação do Professor Antonio da Costa Ciampa, defendida em 2003.

A obra da autora foi defendida como um dos marcos epistêmicos que na academia se fazia com força e dificuldade para alcançarmos as condições legais pertinentes as necessidades de nossas crianças negras e não negras brasileiras terem acesso a sua história psíquica, social e cultural, ou seja: a história do negro e do indígena transmitida nos bancos escolares da educação básica.

O trabalho vem de forma inédita neste bojo. A disputa deste campo do conhecimento se fazia de modo não aceito no contexto da academia psicológica. A educação, pioneira na questão da necessidade de imprimir a história das populações negras e indígenas no currículo formativo da infância recebia as dissertações e teses importantes para a discussão e o embate.

No entanto, a psicologia, resistia bravamente – isto é, resistia com racismo e desconfiança diante de temas pertinentes a temática. Isto foi há mais de vinte anos atrás, e é importante demarcar que somente a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na época a importante vanguarda da psicologia brasileira que com Silvia Lane mudou os passos paradigmáticos da produção psicológica no Brasil quando convocou a necessidade de pensar os problemas sociais brasileiros e produzir uma ciência comprometida com a realidade social, foi a única instituição capaz de receber os pesquisadores brasileiros interessados no assunto. Pois historicamente o assunto era tratado na psicologia como questões para os programas de história, educação e ciências sociais. Não havia interesse de receber tais assuntos *não científicos* no campo formalmente psicológico.



É importante tirar do silêncio o fato de que foi a Casa da Ciência que defendeu o pensamento crítico brasileiro nos anos da ditadura militar no nosso país, foi a mesma e única capaz de receber, na Psicologia, os primeiros pesquisadores no campo da psicologia e relações étnico raciais.

O Programa de Psicologia Social no Mestrado e Doutorado nos anos noventa e na primeira década do novo século foi vanguarda não só por conta de uma produção expressiva no campo psicológico em si. Mas sobretudo porque discutiu o Brasil, os problemas nodais da sociedade brasileira e como esta sociedade na afirmação da construção do SUS e do SUAS nas lutas que se processaram com a constituinte e a constituição final de 1988, deveriam ser um compromisso efetivo e não apenas estético na produção científica da Psicologia.

Neste sentido, o momento político das lutas pelo direito e cidadania encampadas pelo movimento negro em São Paulo e no Brasil, fermentou a envergadura com o diálogo com o campo acadêmico e timidamente na psicologia.

Os nomes importantes para recepcionar estas raras produções incipientes foram os líderes dos núcleos de pesquisa coordenados por Antonio da Costa Ciampa, Fúlvio Rosemberg e Salvador Sandoval. Um francamente branco e de ascendência italiana (Ciampa), uma mulher talvez branca, mas que fenotipicamente poderia ser lida como parda (?) e outro, estrangeiro, mexicano, francamente latino, que pode ser lido fenotipicamente e antropológicamente, sem sombra de dúvidas, como indígena.

Uma mulher (Fúlvio), um estrangeiro latino (Salvador Sandoval) e um homem branco (Ciampa), lideraram no contexto da produção formalmente acadêmica, a recepção de pesquisadores negros e ou interessados no campo da psicologia e relações raciais no Estado Brasileiro. A PUC/SP era a universidade que liderava o ranking de estrelas na pontuação do CNPQ e da CAPES com o maior número de bolsas para a produção científica em psicologia social. Superando de longe, bem de longe a Universidade de São Paulo, no contexto do sudeste.

Também no contexto da psicanálise, Professor Raul Albino Pacheco Filho coordenava com Profa. Miriam Debieux Rosa o acolhimento de raros pesquisadores negros interessados no debate étnico e ambos receberam a pesquisadora para acolher a temática no bojo de uma psicanálise socialmente implicada.



No ano 2000, a pesquisadora é recebida pelo Prof. Dr. Raul Albino e a Profa. Dra. Miriam Debieux. A formalização da pesquisa se dá no ano de 2001 com aprovação em segundo lugar dos melhores projetos de pesquisa de mestrado para serem contemplados com bolsa CNPQ.

Neste mesmo período (2000), Ciampa coordena a ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social e promove a entrevista clássica na Psicologia das Relações Étnicas e Raciais com o Professor e Antropólogo Doutor Kabengele Munanga.

Eles levantarão pela primeira vez a crítica contundente sobre o silêncio da psicologia brasileira em face a espinha dorsal que estrutura e afeta mais da metade da população brasileira : o racismo (CIAMPA; MUNANGA, 2000).

As dissertações e teses no contexto brasileiro se farão através do engajamento político, epistêmico e de franca simpatia e carisma do Professor Ciampa com a dobradinha antropologia e psicologia com Prof. Dr. Kabengele Munanga e Profa. Dra. Josildeth Consorte (mulher negra baiana, radicada em São Paul. Antropóloga orientada por Donald Pierson no Projeto Unesco, na década de 50).

Ciampa sempre atuou pessoalmente na produção da pesquisa psicológica em identidade com a ética peculiar das pessoas que são boas. Esta era a característica principal do Professor Ciampa. Além do carisma e sensibilidade teórico argumentativa, Ciampa era aquele que bem recebia a todos. Com extema genialidade, Ciampa observava e produzia uma psicologia de abertura ao novo. A uma nova identidade da psicologia. Uma psicologia cuja identidade se encarregasse de promover o discurso crítico da sociedade brasileira e por conta disto, imaginamos, ele protagonizava as bancas das teses com a dobradinha de um homem negro africano (Munanga) e uma mulher negra baiana internacional paulista (Professora Josi).

Estes eram os pares negros de Ciampa na PUC/SP para avaliar as dissertações e teses sobre Psicologia e Relações Raciais. E esta visibilidade dos corpos negros, raros corpos negros na academia paulista, promoviam transformações gigantescas nos modos de pensar, ser e agir (fazer) a psicologia.



Com Ciampa, a *psicologia da identidade negra*, se processou de modo vigoroso na estética negra que ele, Ciampa, permitia visibilizar na racista e fechada psicologia ainda no início deste século.

Dizemos isto na observação da obra *Psicanálise Infantil e Racismo* de Regina Suama Ngola Marques, porque será Ciampa, efetivamente, que aceitará receber a autora deste livro, que a partir da solicitação do psicanalista Professor Doutor Raul Albino Pacheco Filho ao Professor Ciampa, indica a Regina que a importante pesquisa além da psicanálise deve agregar as noções de identidade desenvolvidas no núcleo protagonizado por Ciampa.

O trecho acima denota o universo gerador deste livro-pesquisa. O caminho que o possibilita é traçado por histórias germinais da ética em psicologia e relações étnico raciais protagonizadas por professores éticos e sensíveis ao campo no contexto paulista da mais produtiva universidade na área da psicologia em dissertações e teses psicológicas importantes para a transformação da sociedade brasileira.

No ano da aprovação da lei 10.639/2003, no mês de maio, o produto da pesquisa que gerou o livro *Psicanálise Infantil e Racismo: saúde mental nas relações étnicas e raciais*, é defendido como dissertação de mestrado do Programa de Psicologia Social com banca formada por Antonio da Costa Ciampa (Presidente), José Leon Crochick (Avaliador Interno), da Teoria Crítica, Escola Filosófica de Frankfurt e Cristian Ingo Lenz Dunker (Avaliador Externo).

Naquela época, Professor Cristian era docente na Universidade São Marcos, no bairro do Ipiranga em São Paulo e psicanalista.

Conhecida por seu mestrado na PUC/SP e orientanda de Iraí Carone no doutorado, Cida Bento, estava prestes a defender sua tese na Universidade de São Paulo e como recém doutora, em outubro de 2002, com dois professores negros compondo sua banca, Professora Doutora Ana Célia Silva (UNEB) e Kabengele Munanga (USP), Maria Aparecida Silva Bento defendeu sua tese em outubro de 2002.

Os paradigmas de uma psicologia fiel aos anseios transformadores do contexto acadêmico da psicologia, bem como da sociedade brasileira passavam na época da composição do livro-dissertação, por um aparato ético político dos professores brancos:



convidar os raros intelectuais negros presentes no interior elitista das academias científicas para as bancas de mestrados e doutorados em psicologia era um requisito fundamental. Concordamos que ainda hoje é. Professora Iraí Carone e Professor Antonio da Costa Ciampa, pertencentes a etnia branca, realizavam esta exigência com o campo acadêmico e social político.

Neste sentido pensamos, não basta ser negro. É preciso ser atento e produzir um discurso epistêmico que seja convergente com os anseios sociais das pessoas negras e da população brasileira. Eram raros os professores negros no contexto da academia como um todo. Na psicologia, efetivamente ausentes.

Personalidades como Kabengele Munanga (USP), Josildeth Consorte (PUC/SP), Ana Célia Silva (UNEB) e Florentina da Silva Souza (UFBA) faziam parte de um restrito e seletivo time de raridades de intelectuais negros no espaço formal acadêmico².

Neste contexto de formação de bancas com personalidades negras Ciampa informou a Regina que deveria defender no primeiro semestre de 2003 e ele faria as conjecturas da participação de Cida Bento com a Professora Iraí Carone (orientadora da pesquisa de Bento). Iraí, sempre se fez presente como professora e personalidade intelectual importante no Programa de Psicologia Social na PUC São Paulo. Ciampa pretendeu falar com Iraí e contatar Cida Bento em novembro de 2002.

No entanto, em dezembro de 2002, a autora do livro sofre uma mudança radical em seus projetos de vida. Casa-se, deixa o estado de São Paulo, migra ao estado para o estado do Paraná em janeiro de 2003 e inicia atividade docente em várias universidades.

O afastamento geográfico de Regina do contexto paulista e a nova vida profissional enfraqueceram as agendas de Ciampa e os caminhos de articulação com o nome de Cida Bento para a composição da banca. O destino fortaleceu o assentamento da pesquisa com a banca composta por José Leon Crochik e Cristian Dunker pela dimensão clínica psicanalítica da pesquisa e aspectos interdisciplinares com a educação infantil e a discriminação racista no contexto escolar. Obviamente, Cida Bento não foi

² Todas as informações íntimas sobre o percurso anterior ao livro, decorrente da pesquisa de dissertação de mestrado, foram colhidas em diálogos com a autora do livro *Psicanálise Infantil e Racismo: saúde mental nas relações étnicas e raciais*.



preterida. As desenvolturas do tempo, *Iroko*³ com o seu poder, argumentou que assim seria feito. E foi assim, com esta tríade⁴ étnica negra, judaica e branca que a dissertação é analisada e laureada em março de 2003.

Estas histórias íntimas do contexto de produção da pesquisa que se organiza no livro são importantes, pois há vinte anos, a ciência a psicológica tem silenciado e sido conivente com o racismo que violenta a população negra, que segundo os dados do IBGE de 2010, a população negra alcançava 50,14% do universo. Em duas décadas, posteriores à lei que torna obrigatória a história da educação e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, a ciência psicológica não alcançou em sua totalidade de cursos, centros de formação e do fazer ciência, os saberes teórico metodológicos para os territórios indígena e negro. A ciência psicológica, em sua história e no atual momento, reproduz o pensamento branco, masculino, colonialista e de expressões do capital. As bases da saúde mental da população negra-indígena são negadas, negligenciadas, invisibilizadas nos espaços sociais, como nos campos de educação e saúde.

A produção do livro de Regina Suama Ngola Marques é central no debate sobre as cidades negras, na perspectiva do diálogo sobre os territórios e a segregação racial. O território e as territorialidades negras são, historicamente, bases físicas, sociais e culturais de enfrentamento e valorização das insígnias negras, portanto, a saúde mental nas instituições que perfazem o movimento social negro solidifica as forças subjetivas e identitárias da população negra (OLIVEIRA, 2019; 2020). No quadro da segregação racial, trabalhar a formação e desenvolvimento da saúde mental, em especial, das crianças negras, é um investimento para o desenvolvimento de todos, brancos, indígenas e negros. Para a criança negra, trabalhar a saúde mental na saúde e na educação significa a promoção dos direitos e da diversidade, vem a ser o desenvolvimento de uma psicologia que defende as bases da cultura brasileira, a indígena, a negra e a branca (MARQUES, 2023; OLIVEIRA, 2016).

Regina: a metamorfose individual se articula com a metamorfose geracional.

Espero seu doutorado logo.

³ Ancestral africano nas civilizações africana que simboliza e é o detentor do tempo. Do destino que o *Tempo* (Iroko) decide.

⁴ Estamos considerando tríade étnica o pertencimento étnico racial dos componentes da banca – Regina Marques etnicamente negra, afro-brasileira, diaspórica, José Leon Crochik e Cristian Dunker etnicamente judeu, Ciampa etnicamente branco de descendência italiana do norte.



Antonio da Costa Ciampa, 23 de junho de 2004.

O pedido acima, foi dito em bom som após a defesa da dissertação de mestrado que se transformou em livro. O orientador, Antonio da Costa Ciampa, não está entre nós, ele se encontra com seus antepassados e com as expressivas referências da ciência psicológica brasileira.

Ciampa. Como era conhecido por todos da psicologia social brasileira, faleceu em 22 de março de 2022. Ele, em sua vida acadêmica e social, era e continua sendo um intelectual que protagonizou estudos e pesquisas sobre o tema da Identidade. Seu livro, fruto da tese de doutorado, de 1983, *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social* completou 40 anos e ultrapassou mais de vinte edições publicadas.

O livro de Regina Suama Ngola Marques, traz o legado de Antonio da Costa Ciampa, a questão da identidade metamorfose social. Regina recebeu de Ciampa, as bases do materialismo histórico da psicologia da Escola de São Paulo, sob orientação da Professora Sílvia Lane (in memoriam), que no passado do curso de Psicologia da PUC SP, teve Ciampa como aluno e orientando do doutorado. As reflexões críticas de Sílvia Lane, Ciampa e Regina estão interligadas na produção da identidade, da psicologia social e das bases da saúde mental para pensar a questão do racismo na sociedade brasileira.

O Professor Doutor Christian Ingo Lenz Dunker, docente da Psicologia da USP, é quem assina o prefácio da obra de Marques. Segundo Dunker:

O texto registra ainda a ênfase dada à emancipação no quadro da teoria da identidade como metamorfose, desenvolvida pelo nosso querido Antonio Ciampa. É nessa chave que se torna compreensível o tratamento privilegiado de certos gestos significativos, nas experiências e histórias de vida que a autora recolhe. A avó que procura uma nova escola para a neta, o peso de uma afirmação como: "você pode entrar, mas você é negra, nunca esqueça disso, entendeu? Então nunca abaixe a cabeça porque você é negra, nunca abaixe a cabeça". Podemos reconhecer, assim, o peso do esforço coletivo e individual, nas diferentes histórias de criação e mesmo no fragmento autobiográfico (MARQUES, 2023).

Lendo o prefácio escrito por Dunker, o autor afirma que é leitura importante e necessária neste século de racismos exacerbados! É a infância negra, os adolescentes e a juventude, que no dia a dia, vivem, sobrevivem e contextualizam a necropolítica e o racismo à brasileira: durante a pandemia foi a perda do menino Miguel, na região de



Recife, em Pernambuco; no Rio de Janeiro, direta e indiretamente, Aghata e João Pedro foram mortos pelo estado brasileiro; nos últimos dias do mês de julho do corrente ano, na cidade de Lauro de Freitas, vizinha de Salvador, o menino Gabriel Freitas, de 10 anos, teve o mesmo fim trágico e triste, a perda da vida em razão da troca de tiros da polícia militar e o tráfico de drogas.

As cidades de São Paulo e Bahia trazem histórias recentes de chacinas que tem como principal perfil dos homicídios, os territórios de alta vulnerabilidade social, populações de baixa renda, negras e jovens, é o caso exemplar da chacina do Guarujá, que teve 16 pessoas mortas no último final de semana de julho.

Na Bahia, nos idos de 2015, a chacina do Cabula, teve 12 mortos no total, todos jovens e negros.

Recentemente, no bairro de São Cristovão, tio e sobrinho foram pegos furtando alimentos, foram entregues para o tráfico local e o desfecho resultou em mais mortes violentas no país.

Portanto, a saúde mental das populações negras, indígenas e brancas, especialmente as que são acometidas pelo racismo, a violência e a necropolítica, precisam do amparo psicológico nos espaços da educação, saúde e nos principais espaços de formação da identidade social.

Considerar as crianças negras nos contextos das cidades brasileiras nos aproxima a aprofundar os modos como a ciência psicológica pode e deve favorecer a visibilidade e caminhos para a produção da *cura* em saúde mental.

Falar sobre o livro *Psicanálise infantil e racismo: saúde mental nas relações étnicas e raciais*, é possibilitar expandir a noção psíquica dos corpos negros nas cidades brasileiras.

Os modos subjetivos e psicológicos como a infância negra é negada.

Exterminada objetivamente. E pouco acolhida por profissionais de saúde incluindo profissionais da psicologia.

Nas cidades brasileiras a saúde emocional não possui ainda indicações precisas de como acolher o corpo negro. As dores das mães, crianças e jovens negros que sofrem



racismo nas escolas, nos espaços institucionalizados, no acesso a saúde, nos equipamentos de lazer. No acesso a bens de consumo necessário para a boa qualidade de vida nas cidades brasileiras.

Neste livro, podemos observar os avanços que a sociedade e a infância precisam receber para efetivamente responder aos anseios que formularam a Lei 10.639/03, a Lei 11.645/08, o Estatuto da Igualdade Racial e a Política Integral de Saúde da População Negra. Ele responde de modo pragmático, os ajustes e referências em saúde emocional que as cidades em suas políticas públicas precisam abordar para acolher o contingente majoritariamente negro no Estado Brasileiro.

As cidades brasileiras, são cidades negras. Possuem a história dos corpos físicos e psíquicos dos povos negros. Da diáspora negra, da cultura negra e indígena.

De norte a sul, a cultura brasileira é vista como negra e indígena. A população branca no Brasil, ainda mantém os patamares de poder institucional em todos os setores de desenvolvimento financeiro, econômico e social.

Neste sentido, a produção de pesquisas em psicologia e relações étnico racial são importantes veículos para favorecer e fomentar planejamentos urbanísticos que favoreçam o combate a violência dos corpos negros. Combatam a violência psicológica dos corpos negros de crianças nas ruas, nos transportes, nas escolas, enfim, nas instituições.

O conteúdo do livro favorece inúmeras discussões sobre as cidades brasileiras como cidades negras. Através desta produção, podemos avançar nas possibilidades de compreender o contingente de diversidade étnica que existe no chão das cidades brasileiras.

Em seu conteúdo, o livro está organizado em oito capítulos: 1. A concepção dos profissionais da educação infantil: formas de tratamento em relação às crianças – diversidade, cultura, raça e etnia; 2. A criança e o meio: contornos psíquicos e contribuições identitárias; 3. Psicanálise com crianças e educação infantil: o cotidiano da criança negra; 4. Vozes de crianças; 5. As mães, a família e o meio: desolações e utopias, esperanças e encontros; 6. Ancestralidade: um aprisionamento necessário um colo que sustenta o bebê; 7. Crianças negras, família e racismo: contribuições da



psicologia para o cuidado em saúde mental; 8. Considerações sobre algumas terminologias utilizadas nesta obra e, por último, as Considerações Finais.

Neste artigo que é uma resenha ampliada de um conteúdo de pesquisa em psicologia e relações raciais não pretendemos fazer a apresentação, com a descrição teórica metodológica de todos os capítulos. Brevemente, abaixo, apontamos algumas reflexões da autora, Regina Suama Ngola Marques.

No capítulo um a criança negra constitui seu psiquismo e formação da identidade a partir da relação subjetivo e objetivo, individual e coletivo, singular e plural.

Nesse contexto, entre sujeito e sociedade, o psiquismo se formula. Podemos observar no dia a dia das crianças negras, o diferencial que os aparelhos sociais e agentes sociais fazem para sua formação enquanto sujeito íntegro e dotado de dignidade humana.

Inicialmente, é a mãe o principal sujeito social da produção do psiquismo. Porém, no percurso histórico e social, outros agentes adentram o jogo para subsidiar e potencializar a formação social.

É preciso considerar que a mãe cuida, protege, acalanta, nutre, acolhe e compreende a criança, ela é o representante social da cultura.

A mãe, não é apenas do ponto de vista físico, dotada de rosto e nome específico, mas é também a mãe simbólica, representativa da sociedade e da sustentação que o colo social oferece aos seus filhos. Essa mãe cultural, simbólica e também física, ela representa o colo em que nossas crianças negras estão ancoradas e a qualidade desse entorno.

Nas palavras da autora, a mãe, na perspectiva física, social, simbólica, cultural e política, compreende o seguinte sentido:

Em melhores palavras: uma mãe, quando carrega ao colo o seu bebê, não o faz sozinha. Ela o faz na companhia e apoio de seus pares e comunidade extensa: pai, tio, avós, agentes sociais (escola, postos de saúde, profissionais de saúde e educação, recursos econômicos, sociais e materiais) e organização de políticas públicas que a resguardem do cuidado com o "seu bebê" (MARQUES, 2023, 32).



Conforme a reflexão acima, a constituição psíquica infantil de crianças e crianças negras vem marcada por esse caldo de cultura. Na sociedade brasileira, marcada historicamente e nos dias de hoje pela herança da colonização, do escravismo e o racismo, são as crianças negras e indígenas que vivem a violência na constituição psíquica, do aparelho mental.

A criança negra, em geral, a partir de sua historicidade e ancestralidade, não possui a maternagem simbólica – o entorno social – adequada e firme para a ancoragem de sua inauguração como sujeito pertencente à comunidade humana.

Nas cidades negras, a dialética social da saúde mental e da identidade está permeada de proteção do território e das territorialidades, especialmente da ancestralidade e do caldo de cultura.

Nas cidades negras, de pequeno, médio e grande portes, as urbes do Brasil, erguidas, assentadas e simbolizadas com a cultura negro africana, dos movimentos sociais, das mulheres negras, das instituições sociais de matriz africana com os terreiros de candomblé e umbanda, as expressões do universo cultural como o samba, a música preta brasileira, o movimento hip hop (o rap, a dança e o grafite), a capoeira, as artes em geral, constituem o caldo de cultura, a base subjetiva que sustenta a cidade negra e os territórios negros, eles não estão livres do racismo e da segregação; os espaços negros vivem no cotidiano a necropolítica, a violência do racismo e o mito da democracia, todos esses fenômenos refletem na saúde mental e na constituição psíquica das crianças negras, desde os primeiros anos de vida.

Esse quadro, da segregação racial e do racismo está nos lugares, territórios e ambientes sociais das cidades negras, das urbes brasileiras. O que acometeu o menino Miguel, nas imediações de Recife, foi a ausência de um colo social que o protegesse enquanto sua mãe estava protegendo as crianças brancas, os pets e o exercício de suas funções trabalhistas. A patroa da mãe de Miguel não lhe proporcionou o colo social, e isso na história da infância negra e no atual momento, não é produzido na sociedade brasileira, sobretudo na educação e na saúde. Esse quadro vem acontecendo não no percurso da constituição psíquica, não de sua maternagem física, da mãe, mas da maternagem da sociedade brasileira, que se inscrevem nos meios de comunicação, na segurança pública, na escola, nos serviços de saúde, com os mais diferentes



profissionais que exercem e compõem o ambiente construído e nas políticas públicas quando não favorecem que as crianças negras e indígenas tenham os cuidados qualitativos e quantitativos, o colo social que as crianças brancas recebem, sem a violência do racismo e das profundas desigualdades.

Segundo Marques (2023) não há diferença entre a criança negra e a branca em termos de constituição psíquica. Porém há diferenças socioculturais que na ausência de um entorno qualitativo que lhe acolha no plano comunitário – a escolarização, por exemplo – intensificam suas marcas de constituição subjetiva e a colocam em posição de exclusão e desigualdade humana.

Será preciso pensar as cidades negras e a saúde mental para todos, nesse quadro particular, as crianças negras, elas precisam, como os espaços de saúde e educação, do colo social, do caldo de cultura e da saúde mental que lhes proporcione o crescimento e o desenvolvimento sem passar por situações de violência e fragmentação social sob as forças do racismo e da segregação.

Segundo a autora, a transformação social do ambiente e a utilização dos espaços são imprescindíveis para a constituição integral do sujeito. É urgente a promoção de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de uma ética de consideração dos sujeitos humanos, são fundamentais para a expansão das condições de desenvolvimento mental, emocional e psíquico das crianças negras.

Nesse momento dos vinte anos da lei 10.639/2003 e os quinze anos da lei 11.645/2008, é mais que urgente o desenvolvimento de práticas pedagógicas e sociais para melhor atender o cuidado de todos, indígenas, brancos e negros.

Nas cidades negras, especialmente, os territórios que subsidiam a produção do colo social e da saúde mental, as instituições negras e os agentes sociais, persistem na luta por políticas públicas para fazer valer os direitos democráticos com equidade.

Conforme o artigo de Alves e Crochik (2016) a psicologia brasileira precisou recomeçar para organizar um caminho novo, um fazer coerente ao pensamento de mudanças transformadoras para as cidades, cidadania, para as populações brasileiras.

"Parar para pensar depois fazer" foi o título atribuído por Lane à sua fala que sintetizou a mensagem expressa ao afirmar como fundamental para a Psicologia Social a reflexão crítica sobre a prática cotidiana "porque sem isso não há a



emancipação. Parar para pensar e depois fazer, fazer. Eu acho que é por aí" (LANE, 1996, p.15).

O Professor Antonio da Costa Ciampa, que recebeu a pesquisa geradora do livro, seguia fielmente o pensamento e conselhos de sua ancestral. Silvia Lane foi sua orientadora no mestrado e doutorado. Igualmente Regina, segue no caminho destas oralidades pronunciadas pela ancestralidade dos antepassados da psicologia no combate ao racismo brasileiro. Na necessidade de fazer pesquisa e transformar a realidade brasileira. "Parar para pensar e depois fazer, fazer. Eu acho que é por aí" (Lane,1995).

Depois de pensar, é difícil e complexo o fazer. O livro, para ser publicado, passou por uma maratona de rejeições embora na defesa da pesquisa tenha sido indicada publicação tanto por José Leon Crochik como por Cristian Ingo Dunker.



Fonte: Arquivo pessoal da autora do Livro. Maio de 2003, na PUC/SP
Foto Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado
(da esquerda para a direita, Regina Marques, Ciampa, Leon Crochik, Cristian Dunker)

Em 2005 o parecer da obra pela Editora Casa do Psicólogo em São Paulo informou: "o livro é interessante. No entanto é assunto que não diz respeito aos interesses da psicologia. Recomendamos que editoras voltadas para o campo da história e ciências sociais ou educação possam receber a proposta de publicação".

É importante mencionar, que o conselho da Editora Universitária UFRB, em edital específico para docentes da Universidade, o parecer da Editora rejeitou em 2010 a publicação do livro. Informando que apesar de louvável o tema era muito específico



para a psicanálise. E que a pesquisa, tendo sido realizada em 2003, já não fornecia subsídios importantes para a realidade emergente.

Finalmente, em 2014, após celeuma jurídico que favoreceu a aprovação do Edital Ministério da Cultura e Fundação Biblioteca Nacional para publicação de obras importantes para a população negra e população brasileira, o livro de Regina foi premiado em segundo lugar. Sendo que o primeiro lugar foi nada mais nada menos que Olhos d'água, da eminente e sacra Conceição Evaristo.

Os componentes do conselho de curadores que aprovou as obras indicadas como importantes para o legado negro brasileiro foi composto por consultores como a Doutora Professora Titular Florentina da Silva da Universidade Federal da Bahia (uma mulher e literata negra) atuante no Programa de Pós- Graduação em Literatura e Cultura do ILUFBA (Instituto de Letras da UFBA) e no Programa de Pós- Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (CEAO-UFBA). Além do Professor Doutor e Filósofo negro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Renato Nogueira, no Programa de Pós Graduação em Filosofia na linha Subjetividade, Ética e Política (PPGFIL).



Foto 20: Presença negra na cidade:
Ciampa com os pais da autora: Antonio Marques e Maria de Lourdes Souza.
Ao fundo os pesquisadores negros
Reinaldo Oliveira, de costas, e Francisco Carlos Gomes (Chicão).



Após a participação e presença de intelectuais negros compondo a cena para as publicações importantes serem dadas a ciência e ao público, a obra finalmente foi reconhecida no âmbito social.

Ainda assim, a editora responsável pela co-edição com a Fundação Biblioteca Nacional e que apresentou a obra ao Edital, não estava com as contas em dia com a Fazenda Nacional. E o livro mais uma vez ficou sem ser dado a comunidade científica e social no âmbito mais amplo.

O fazer demanda grande esforço coletivo. Vontade política e persistência diante de tantos *nãos* ao longo da estrada. O livro congrega saberes até hoje raros no âmbito dos impactos do racismo na saúde mental de crianças pequenas, bebês e crianças abaixo dos 6 anos.



Foto Fonte: Acervo pessoal da autora do livro em 2003 com as crianças Vitor Augusto, 06 anos e Dandara Roberta, 1 ano e 3 meses.

Os sujeitos da pesquisa clínica e social realizada por Regina no livro, são as crianças (faixa etária de 0 a 6 anos de idade). O livro traz vivamente esta face inusitada e ainda incomum na pesquisa psicológica e educacional quando se trata de abordar os impactos do racismo na psique e emocionalidade de crianças muito pequenas do zero aos seis anos de idade. O livro é transdisciplinar porque além de abordar a pesquisa na



clínica psicológica infantil, aborda o universo da educação infantil com crianças em escolarização em creches e escolas maternas antes da educação básica

A produção, surgida como pesquisa de alta qualidade em 2003, não está ultrapassada. Ela é mais do que atual. Como produção de pesquisa que analisa crianças de zero a seis anos de idade, ela figura como um marco raro, que possivelmente inaugurou, há exatos 20 anos atrás, no contexto acadêmico da psicologia das relações étnico-raciais, os fazeres e metodologias importantes para pensar e fazer uma clínica psicossocial e educacional para crianças, suas famílias e agentes sociais na escola e instituições. Como disse Professora Silvia Lane, fazer é importante e fundamental. Carece de esforço científico e metodológico denso, conceitual, de qualidade, aferido por outros pesquisadores do campo. Igualmente, o fazer demanda tempo, esforço, compreensão e vontade política para que a ciência, enquanto crítica social e exigência de transformação paradigmática para as sociedades e cidades globais, possa se instalar como ferramenta em políticas públicas, planejamentos sociais, medidas e prescrições no campo da saúde e educação para uma sociedade desenvolvida em termos de igualdade, diversidade e equidade.

O livro *Psicanálise Infantil e Racismo: Saúde Mental nas relações étnico-raciais*, apresenta perspectivas teóricas e práticas para o fortalecimento social, cultural, político e psíquico das cidades negras, principalmente das crianças negras, indígenas, brancas e das diferentes culturas e etnias. É uma leitura imprescindível para todos, especialmente para os campos da saúde psíquica e emocional, e para o campo da educação, principalmente da primeira infância dos 0 aos 6 anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cecília & CROCHÍK, José. Notas sobre um recomeço: *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 616-62, 2016. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p616>

LANE, Silvia. Parar para pensar ... depois fazer! [Entrevista à Antonio da Costa Ciampa, Omar Ardans, & Sueli Satow]. *Psicologia & Sociedade*, 8(1), 3-15, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/sm7zJ4SHhp8P3TxvBpXRPSC/?lang=pt> Acesso em 30/07/2023

MARQUES, Regina Suama Ngola. *Psicanálise Infantil e racismo: saúde mental nas relações étnico-raciais*. Curitiba: Editora Appris, 2023.



OLIVEIRA, Regina Marque de Souza. *Cenários da Saúde da população negra no Brasil: diálogos e pesquisas*. Cruz das Almas, Belo Horizonte: Editora Fino Traço e Editora UFRB, 2016.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Cidades negras no Brasil: Territórios e Cidadania. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 12(34), 287–314. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1128> Acesso em 30/07/2023

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Territorialidade Negra e Segregação racial na cidade de São Paulo: a luta por cidadania no século XX*. São Paulo: Editora Alameda, 2019.

Recebido em: 18/08/2023

Aprovado em: 19/09/2023